

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

JOSUÉ BELO PIPILASCOV – RA 00117665

A MULHER NO PERIODISMO *MULHERIO*: O ECO QUE NÃO QUER CALAR

SÃO PAULO
2014

JOSUÉ BELO PIPILASCOV

A MULHER NO PERIODISMO *MULHERIO*: O ECO QUE NÃO QUER CALAR

Artigo elaborado sob a orientação da Profa. Dra. Maria Izilda Santos de Matos, como requisito parcial para a conclusão do curso de História, Sociedade e Cultura.

SÃO PAULO
2014

“A discriminação da mulher é uma constatação muito grave sob todos os aspectos. Mas o mais grave consiste, certamente, no que se poderia denominar de empobrecimento notável em termos de vivência e compreensão da sexualidade e do matrimônio.”

Antônio Moser

SUMÁRIO

1 – O DISCURSO SOBRE A MULHER NA DÉCADA DE 80 EM <i>MULHERIO</i>	05
2 – A IMPRENSA NO COTIDIANO BRASILEIRO.....	07
3 – A IMPRESSA FEMININA E FEMINISTA: O <i>MULHERIO</i>	10
4 – <i>MULHERIO</i> : UM JORNAL ESCRITO POR MULHERES PARA MULHERES...	13
5 – <i>MULHERIO</i> : CORPO E MATERNIDADE EM DEBATE.....	16
6 – CONTEXTO SOCIAL: MULHER E SEXUALIDADE.....	20
7 – DUAS DIMENSÕES FUNDAMENTAIS NA VIDA DA MULHER: CORPO E SEXUALIDADE.....	23
FONTES E BIBLIOGRAFIA.....	26

1 – O DISCURSO SOBRE A MULHER NA DÉCADA DE 80 EM *MULHERIO*

As mulheres militantes na década de 80 se depararam em meio a contradições reivindicatórias de gênero. Ao mesmo tempo que defendiam demandas próprias das questões de gênero, vinculavam-nas às causas defendidas pelos grupos de esquerda e de resistência à ditadura militar. Em outras palavras, ao passo que “o feminismo fundou-se na tensão de uma identidade sexual compartilhada, evidenciada na anatomia, era recortado por mundos sociais e culturais diversos, nos quais a mulher ia se tornando mulher” e vivenciando sua sexualidade.

Embora as feministas fossem tidas como uma importante força na luta contra a ditadura, a maior parte das questões de gênero era relegada a segundo plano, seriam elas discutidas após a conquista de demandas maiores. O presente artigo busca avaliar como essas questões foram abordadas pelo periódico feminista *Mulherio*, a partir da análise da temática da sexualidade feminina abrangendo corpo e maternidade.

Analisar os periódicos de *Mulherio* é comparar o comportamento e a consciência das mulheres da década de 80 com o comportamento das mulheres de hoje, a começar pela resistência, indiferença e desvalorização das conquistas obtidas pelas militantes do movimento feminista. E uma das dificuldades encontradas no *Mulherio* foi localizar questões relacionadas à sexualidade, ao prazer e ao corpo tratadas abertamente.

O período *Mulherio* nasceu num momento em que a principal mudança do feminismo na década de 80 resultava do fato de as mulheres não mais lutarem pela igualdade de direitos e papéis em relação ao sujeito masculino. Nesse momento, o movimento passa a privilegiar a valorização das diferenças entre masculino e feminino como forma de recuperar a "cultura feminina" e afirmá-la dentro do universo masculino dominante.

Foi ainda nas sombras da ditadura militar que o movimento feminista brasileiro conquistou um pequeno espaço de atuação, principalmente com a instituição do Ano Internacional da Mulher pela Organização das Nações Unidas em 1975. Foi aí que as feministas passaram a se organizar e, posteriormente, puderam criar publicações que atendessem aos seus interesses, como é o caso do *Mulherio*.

A propósito, a intenção aqui é analisar os discursos das escritoras, jornalistas e militantes, figuras proeminentes da intelectualidade e do movimento de mulheres brasileiras, como Eva Alterman Blay, Fúlvia Rosemberg, Cristina Bruschini, Ruth Cardoso, Heleieth Saffioti, Maria Rita Kehl, entre outras que publicavam seus textos em periódicos feministas. Ao lado disso, busca-se entender como essas representantes traziam para o seu público-leitor, em sua maioria mulheres, as questões pertinentes à sexualidade, ao prazer, ao corpo e à maternidade que estavam sendo debatidas naquele momento pela mídia. O cenário da ditadura militar completa o quadro, trazendo relações ambíguas vividas pelas feministas, desde alianças políticas até o silêncio diante de alguns temas centrais do movimento, forçadas pela repressão e pelas ameaças do regime militar.

A respeito do *Mulherio*, faz-se necessária sua análise e, concomitantemente, o conhecimento da condição social da mulher brasileira na década de 80, em especial no início desse período. E para a compreensão do tema abordado, espera-se encontrar no *Mulherio*, que circulou entre os anos de 1981 e 1988, informações relevantes e reveladoras da condição da mulher naquela época.

Sabe-se que muitos fatores contribuíram para o surgimento da consciência feminina: a derrocada do mito da força do homem, agora substituída pela tecnologia; o ingresso mais intenso da mulher no mercado de trabalho, o acesso aos estudos, o grande número de mães solteiras etc. O fato é que existe uma nova consciência: a consciência da força da mulher. Ela já não aceita, quando conscientizada, ser reduzida a um “objeto de cama e mesa”, mas parte para a guerra.¹

A rigor, não há de se tratar dos editoriais apenas como uma série de textos a serem analisados. Busca-se descobrir seus caminhos e descaminhos, para então reunirmos características mais bem fundamentadas.

¹ MOSER, Antônio. **O enigma da esfinge**: A sexualidade. Petrópolis: Vozes, 2001, p.93.

2 – A IMPRENSA NO COTIDIANO BRASILEIRO

A imprensa brasileira das primeiras décadas do século XIX era constituída principalmente por jornais pequenos, que circulavam com pouca tiragem e de caráter predominantemente opinativo. Entre os artigos publicados e assinados também eram comuns críticas políticas, textos literários e charges.² Tais características não passaram despercebidas pelo governo português, que, apesar de ter sancionado a Lei de Liberdade de Imprensa em 02 de março de 1821, inspecionava, perseguia, prendia e chegava a deportar redatores e editores que emitissem opiniões contrárias aos ditames do príncipe regente D. João VI.

A imprensa opinativa brasileira exerceu papel importante na articulação do processo de independência e atuou da mesma forma em outros momentos decisivos da história do país, como na Proclamação e na Abolição da Escravidão. Foi justamente após a Proclamação da República que o periodismo brasileiro vivenciou a descentralização de sua produção, isso por conta das dinâmicas regionais que se tornaram mais influentes no cenário nacional.³

Envolvida pelos novos modos de viver, a cultura impressa transformava-se. Nesses novos espaços da vida urbana, de inúmeras e complexas maneiras, a escrita, principalmente a palavra impressa, estabelecia novas articulações na vida cotidiana da cidade. Misturada às necessidades colocadas pelo desenvolvimento da escrita e controle mercantil, obedecendo aos ditames de “vulgarização” impostos pela propaganda, transportada na velocidade dos novos serviços de correios e telégrafos e aliada a linguagens visuais da modernidade, a escrita desce do pedestal e começa a invadir a vida cotidiana da cidade.

A leitura dos jornais fazia parte do dia a dia da cidade paulistana, em que, antes de amanhecer, eram oferecidos ao público o jornal Voz da Terra. E, depois da chegada do Expresso Rio, “lá pela noite”, no lado de fora de quiosques, botequins, na praça e outros pontos, podia ser lido comodamente. Nas portas das redações,

² BUITONI, Dulcília. **Mulher de papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Loyola, 1981, p.17.

³ EDGAR, Luiz Schneideir. Imprensa Sul-Rio-Grandense nos séculos XIX e XX. In: BARRETO, Abeillard et. al. **Outros fundamentos da cultura Rio-Grandense**. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul, 1962, p.85.

telegramas e noticiários chamavam a atenção da população e das tipografias da imprensa, cujos títulos gritavam com pronúncia fortemente italianizada.⁴

A imprensa periódica passou a fazer parte daquele cotidiano e transformou-se no principal produto da cultura impressa, emergindo o periodismo como um importante espaço de renovação da cultura letrada. Mais tarde, no ambiente da metrópole em formação, a imprensa periódica apresentou-se como foco fundamental de formulação, discussão e articulação de concepções, processos e práticas culturais.

O movimento de crescimento e circulação dos materiais impressos em São Paulo, principalmente da imprensa periódica, acompanhou o próprio ritmo de desenvolvimento da cidade. A imprensa diversificou-se, chegando ao público por meio de um grande número de periódicos das mais variadas modalidades.

Articulando-se às novas linguagens, num ambiente social livre das relações escravistas, fazendo da cidade seu ambiente, na imprensa periódica a palavra escrita e impressa parecia buscar transpor limites impostos por sua função de código e linguagem de uma reduzida elite da Faculdade de Direito. A cidade intrometeu-se na imprensa⁵. Através da difusão do periodismo paulistano, parcelas significativas da população conquistaram espaços e/ou ganharam forma, sendo progressivamente incorporadas aos circuitos da imprensa. Na construção da cidade, sob o signo da novidade e da experimentação, velhos e novos sujeitos, aprendendo a manejar técnicas, modelos e fórmulas da imprensa europeia, intermediados pela Capital Federal, envolvem-se no novo processo de fazer imprensa.⁶

Com a virada do século, a propaganda deixa progressivamente o espaço exclusivo das publicações “comerciais” e articula-se à imprensa periódica de uma forma mais ampla. O sucesso de um periódico, sua manutenção como uma publicação competitiva e estável passa a depender cada vez mais de sua capacidade de atrair recursos via propaganda.⁷

O desenvolvimento da propaganda assumiria cada vez mais importância. Por intermédio da propaganda, a cidade-mercado penetra a imprensa periódica,

⁴ EDGAR, Luiz Schneideir. Imprensa Sul-Rio-Grandense nos séculos XIX e XX. In: BARRETO, Abeillard et. al. **Outros fundamentos da cultura Rio-Grandense**. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul, 1962, p.85.

⁵ CRUZ, Heloisa de Faria. **São Paulo em Papel e Tinta**: periodismo e vida urbana – 1890-1915. São Paulo: Educ/Fapesp/ Imprensa Oficial, 1996, p.83.

⁶ Ibidem, p.87.

⁷ Ibidem, p.87.

denotando a crescente fruição de bens e serviços no espaço urbano. Afirmando novos valores, renovando as formas de dizer de antigas propostas, dirigindo as demandas e buscando criar desejos e necessidades do grande público, a propaganda participa ativamente do processo de formulação das novas linguagens do viver urbano.⁸

⁸ CRUZ, Heloisa de Faria. **São Paulo em Papel e Tinta**: periodismo e vida urbana – 1890-1915. São Paulo: Educ/Fapesp/ Imprensa Oficial, 1996, p.90.

3 – A IMPRENSA FEMININA E FEMINISTA: O *MULHERIO*

Se esse segmento de veículo de comunicação dirigido antes de tudo à mulher desenvolveu-se em tantos países, não existe só o interesse cultural. A relação imprensa feminina/mulher implica questões mais abrangentes, como, por exemplo, o papel social da mulher ou sua participação política. Elegeu-se, então, *Mulherio* para este estudo por se encontrarem nele questões pertinentes à mulher no Brasil. A pretensão é ainda saber o que o jornal propõe e como discute as questões relativas à mulher nesse período, sobretudo a sexualidade.

Ocorre que um jornal, mesmo não tendo sido elaborado com todo o rigor científico, oferece certa segurança na veracidade dos fatos e pressupõe sensatez das opiniões veiculadas, devido à quantidade de agentes e elementos nele envolvidos, como jornalistas, redatores, editores colaboradores, cartas de leitores, obras literárias comentadas etc. Nesse sentido, faz-se necessário entender o jornalismo como coautor de uma construção social da realidade e, ao mesmo tempo, responsável por influenciá-la e ser influenciado por ela, por seu processo ser dinâmico e imbuído de reciprocidade. Influenciar uma realidade ou ser influenciado por ela significa interferir nos sistemas político, econômico, social e até ideológico. Por essa razão, é de suma importância identificar os traços noticiosos e notar as intenções dos emissores desde a sua capa até o seu formato final.

A imprensa feminina, embora pouco estudada, seja enquanto processo de produção, seja enquanto análise das publicações que a constituem, é um dos assuntos mais estimulantes, devido às articulações sociais, econômicas e culturais que estão implícitas em sua estruturação. Além disso, se configura, com inúmeros produtos surgindo a cada ano, às vezes sob formas bastante novas.⁹

Por essas razões, a imprensa feminina é um campo que merece ser explorado. É fundamental perceber o que ela representa no mundo atual, jamais a resumindo a receitas de culinária e contos de amor. Suas funções são transparentes, não visam apenas conselhos, práticas de lazer. No espelho da imprensa feminina, as imagens e as verdades são muitas, se descortinadas.

⁹ BUITONI, Dulcília. **Imprensa Feminina**. São Paulo: Ática, 1996, p.5.

A rigor, o tratamento desigual da mulher na sociedade é um fato inegável ainda hoje no Brasil. Dessa forma, num determinado momento histórico, o conjunto representado pelo *Mulherio* constitui uma amostra importante do modo como segmentos formadores de opinião conceituam e avaliam as questões voltadas à mulher. De início, algumas perguntas surgiram: a imagem feminina apresentada no jornal corresponde à sua real inserção na sociedade? O jornal *Mulherio* estabelece papéis diferenciados para esse público-alvo?

Apesar das mudanças ocorridas nos anos 70 e 80 com relação à participação feminina no mercado de trabalho e na sociedade, o *Mulherio* continuou apresentando, até o final do ano de 84, com pequenas alterações, os mesmos estereótipos femininos que utilizava no início do período analisado.

No que diz respeito aos textos produzidos já no contexto da metade dos anos 1980, em que os debates e as políticas públicas para as mulheres haviam alcançado outro nível qualitativo, resultado da ação do movimento feminista na instituição de programas por parte do Estado, o periódico *Mulherio* insere em sua pauta a necessidade de superar, entre outras questões, determinadas barreiras culturais que mantêm o controle sobre o corpo feminino. Assim, temas como a vasectomia, as tecnologias reprodutivas, inseminação artificial, machismo, preconceito, maternidade, entre outros, ganham as páginas dos jornais, lançando outro olhar sobre a saúde reprodutiva e o direito de decisão das mulheres.

Nesse sentido, jornais, revistas e periódicos podem ser considerados suportes de memória, pois, através de suas páginas, podemos acompanhar episódios que marcaram a história sob o olhar daqueles que, de alguma forma, vivenciaram aquele momento. A simples seleção do que seria ou não digno de ser impresso já pode nos dizer muito a respeito de certos grupos.¹⁰

O texto jornalístico pode ser entendido como uma sequência de interpretações e re-elaborações de uma realidade, dos valores e normas que nortearam uma dada comunidade num certo período de tempo, o que faz dos periódicos fóruns privilegiados de exposição de modelos idealizados de sociedade e de sujeitos sociais.¹¹

¹⁰ BONILHA, Caroline Leal. **Corymbo**: Memória e representação feminina através das páginas de um periódico literário entre 1930 e 1944 no Rio Grande do Sul. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas - RS, 2010, p. 24.

¹¹ SENNA, Adriana. **As tentativas de implantação do divórcio absoluto no Brasil e a imprensa Rio-Grandina** (1889-1916). Tese (Doutor em História), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

Assim, faz-se necessário entender de que forma os jornais passaram a fazer parte da vida diária dos sujeitos e, mais, como aquilo que deveria ser somente um veículo de comunicação pode ser entendido hoje como conformador de subjetividades e fonte de pesquisa. Os jornais, antes percebidos como parciais e, por isso, indignos de análise científica, passam a ser pensados como possíveis ferramentas de impressão e conhecimento de diferentes realidades sociais, constituindo-se então como suporte de memória a ser investigado.

Os periódicos são uma fonte preferencial para pesquisas de vários tipos, sobretudo por documentar o passado por meio de textos literários ou não, de publicidade ou de retratos, que “evocam em seu conjunto, de imediato, o quadro histórico em que se pretende transitar”. Contudo, o trabalho com o periodismo deve se dar a partir da efetiva inserção das folhas em seu tempo, num trabalho que não peque por ignorar as condições de vigência de jornais e revistas em sua época, sob pena de que as fontes, de luz para esclarecer pontos obscuros, se transformem em cilada documental.¹²

A rigor, os jornais, como documentos históricos, não têm seu valor diminuído pela veracidade ou não de seus conteúdos. A imprensa deve ser considerada como produto de práticas culturais, históricas e econômicas de lugares geográficos bem definidos.¹³

No Brasil, uma das principais características do jornalismo foi seu caráter opinativo, sendo que, em muitos casos, a intenção de fato não era formar, mas atuar sobre o imaginário social. Assim sendo, o que os periódicos e outros documentos impressos nos oferecem é um olhar sobre o cotidiano de uma época através de sujeitos específicos, nunca sendo vistos como reprodutores da realidade, mas sim como espaços privilegiados de representação e, sobretudo, como suportes de uma memória.¹⁴

¹² PÓVOAS, Mauro Nicolau. **Uma História da Literatura**: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX. Tese (Doutorado em Literatura), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005, p.12.

¹³ GOMES, Gisele Ambrósio. **Entre o público e o privado**: a construção do feminino no Brasil do Oitocentos, 1827-1846. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.

¹⁴ BONILHA, Caroline Leal. **Corymbo**: Memória e representação feminina através das páginas de um periódico literário entre 1930 e 1944 no Rio Grande do Sul. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas - RS, 2010, p.26.

4 – MULHERIO: UM JORNAL ESCRITO POR MULHERES PARA MULHERES

Em 1981 surge *Mulherio*, que “marca o nascimento e o desenvolvimento de um feminismo moderno no Brasil”, influenciado, sobretudo, pelo movimento feminista francês, já que entre as editoras havia militantes políticas que voltavam do exílio na França e, com menor influência, militantes do feminismo norte-americano.

Segundo relato trazido no próprio jornal, a ideia de criar um periódico sobre mulher surgiu entre as pesquisadoras da Fundação Carlos Chagas que se dedicavam ao estudo da condição feminina no Brasil. Elas se preocuparam em sistematizar informações sobre as questões que oprimiam as mulheres que viviam no contexto histórico dos anos 80. O corpo editorial do jornal era constituído de pesquisadores e jornalistas, que, no início, propuseram compor um boletim de notícias que fizesse ponte entre as diversas instituições e estudiosos do tema ora abordado, fornecendo dados de forma sistemática e abrangente sobre os problemas que envolviam as mulheres brasileiras.

Foi então que *Mulherio*, no seu editorial de número zero, com 16 páginas, publicou um artigo de fundo, de análise, um tema polêmico, reportagens e notas curtas à mulher no Brasil e no mundo. Uma das seções seria dedicada a pesquisas, teses, resenhas e outros estudos sobre a mulher; outra procuraria abrir espaço aos diversos grupos feministas e femininos para que divulgassem suas atividades voltadas à área de cultura da mulher.

O grupo deixou vislumbrar o fio condutor que permearia o jornal, quando anunciou o compromisso de tratar de matérias de maneira séria, mas não mal-humorada, sisuda ou dogmática. Assim, declarada ao público a intenção, os redatores levaram à risca o compromisso de transformar o singular boletim de março/abril de 1981 em tabloide efervescente e precursor de tendências, até 1988. As idealizadoras perceberam que os problemas que afligiam as mulheres da década de 1980 precisavam ser tratados de forma mais incisiva, e assim o fizeram.¹⁵

Ao relatar de modo breve a história do *Mulherio*, há de se considerar três períodos marcantes e definidores dos rumos que o jornal tomou. No primeiro período, de março de 1981 a setembro de 1983, a publicação do jornal recebeu

¹⁵ FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. *Mulherio* - Uma história. s/d. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/conteudos especiais/mulherio/historia.html>>. Acesso em: em 25/ 01/14.

subsídios da Fundação Ford para se concretizar e foram publicados 15 números, tendo como responsável pelo projeto a pesquisadora Fúlvia Rosemberg e como editora, a jornalista Adélia Borges.¹⁶

O segundo período começa em 1984 e se estende até 1988, quando, por causa de uma discordância no teor da pauta editorial, ocorreu a separação entre o jornal e a Fundação Carlos Chagas. Ainda que fosse mantido o apoio da Ford e a equipe responsável permanecesse à frente da empreitada, iniciava-se um período diferente do primeiro. Para estruturar essa nova fase, foi criado o “Núcleo de Comunicação Mulherio”, que publicou os 24 números seguintes, agora sob responsabilidade editorial da jornalista Inês Castilho. Durante esse período, a equipe responsável teve de lidar no dia a dia com o problema da autossuficiência para sua continuidade, corriqueiramente enfrentado pela imprensa escrita.¹⁷

O terceiro período se inicia em 1988, quando uma nova mudança aconteceu e o jornal passou a se chamar “Nexo - Feminismo, Informação e Cultura”. Datam de junho e junho de 1988 os dois únicos números publicados.¹⁸ Não conseguindo diversificar suas fontes de sustento e não contando mais com o apoio da Fundação Ford, a equipe rendeu-se ao infortúnio e encerrou as atividades do jornal.

Mesmo tendo se passado mais de 33 anos do fim do periódico, ainda é possível, ao percorrer suas páginas, inspirar-se no exemplo de um trabalho precursor e no empenho coletivo das diversas equipes envolvidas nessa forma inusitada de comunicação alternativa que foi o *Mulherio*. Aspectos esses claramente observados na edição de número zero do jornal, datada de março e abril de 1981, em que a primeira capa explana o porquê do nome *Mulherio*, os objetivos do jornal e sua pauta, tudo como uma espécie de carta das pretensões da publicação.¹⁹

A rigor, o *Mulherio* expõe essa nova perspectiva do feminismo ao explicar a proposta do jornal a partir do próprio título. Definindo os conceitos estereotipados atribuídos ao termo “mulherio” no dicionário, o jornal pretendia abolir os estereótipos relacionados à figura da mulher e valorizar as atitudes e capacidades femininas,

¹⁶ FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. **Mulherio** - Uma história. s/d. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/conteudos especiais/mulherio/historia.html>>. Acesso em: em 25/ 01/14.

¹⁷ Ibidem.

¹⁸ Ibidem.

¹⁹ Ibidem.

sempre livre de qualquer postura ideológica, como muito bem ressalta o trecho que vemos a seguir:

Mulherio, por sua vez, nada mais é do que “as mulheres” ou “uma, grande porção de mulheres”. E o que somos, é o que este jornal será. Sim, nós vamos nos assumir como o Mulherio e, em conjunto, pretendemos recuperar a dignidade, a beleza e a força que significam as mulheres reunidas para expor e debater seus problemas. De uma maneira séria e consequente, mas não mal-humorada, sisuda ou dogmática.²⁰

A observação sistemática do material mencionado e a leitura de várias obras, artigos e teses correlacionados contribuirão para a determinação do período de estudo dos elementos-chave: corpo, sexualidade e maternidade. A preferência aqui foi por analisar como o discurso do jornal *Mulherio* apresenta a mulher na década de 80 na concepção de corpo, sexualidade e maternidade. Desde então, estabeleceu-se uma discussão acerca do desenrolar desse processo a partir de alguns artigos publicados nas seis edições selecionadas após leitura prévia. Vale observar que esses exemplares foram todos pesquisados e digitalizados no CEDIC-PUC.

²⁰ MULHERIO. Por que Mulherio? São Paulo, Ano 1, nº 0, mar./abr. 1981, p.4.

5 – MULHERIO: CORPO E MATERNIDADE EM DEBATE

Uma abordagem adequada em torno do “corpo feminino” comportaria uma gama de facetas, e mesmo assim não se esgotaria o tema. De qualquer forma, o grande desafio aqui é o de alcançar uma reflexão sem muitas lacunas que represente uma continuidade do tema. Nesse sentido, cumpre notar que um dos assuntos mais presentes nas edições analisadas é a maternidade em suas várias vertentes. Várias foram as dificuldades ao se analisar essa questão em *Mulherio* frente a textos complexos acerca da maternidade e do corpo feminino, como os artigos “Quem pariu Matheus que o embale”, “Em torno da política do corpo”, “Um aprendizado: ser mãe, ser pai”, “Paraíso perdido ou reencontro”, “Corpo: um debate que amplia”, “Amamentar: um gesto que não depende só da vontade materna” e “Uso do corpo nas classes sociais”. É possível observar tal complexidade nos trechos abaixo:

O ditado popular não deixa dúvida: cuidar, proteger e educar a criança pequena é tido como um problema da mãe, e só da mãe.²¹

O feminismo abre novos caminhos no modo de encarar e viver a maternidade. [...] Uma imagem clássica do feminismo apresenta-o como oposto à maternidade e à vida em família.²²

Dessexuada e sem desejos, a mulher tornou-se o anjo da casa, dócil, frágil, desapaixonada, designada aos papéis domésticos e maternos. Entre tantas discussões, o trabalho feminino enquanto profissão fora do lar era condenado, pois cabia à mulher o cumprimento da sua natureza materna, enquanto que o homem deveria ser o provedor do lar, o condutor da família.

“Ser mãe, a missão sublime da mulher”. Um prazer profundo: dar à luz, amamentar, acariciar e ver desabrochar a cria.²³

Quando nossos olhos se abrirem, vimos que a instituição opressiva da maternidade numa cultura sexista retinha-nos

²¹ MULHERIO. Quem pariu Matheus que o embale. São Paulo, Ano 1, nº 4, nov./dez. 1981, p.4.

²² MULHERIO. Um aprendizado: ser mãe, ser pai. São Paulo, Ano 2, nº 10, nov./dez. 1982, p.4.

²³ MULHERIO. Paraíso perdido ou reencontro. São Paulo, Ano 1, nº 1, mai./jun. 1981, p.8.

prisioneiras, afastava-nos da perspectiva de um dia poder realizar-nos plenamente como pessoas.²⁴

O papel feminino não poderia ser outro senão o maternal. A conduta da mulher deveria, então, ser submetida a uma nova forma de normatização, apoiada na perspectiva biológica em uma clara distinção entre os sexos. As mulheres deveriam concentrar sua luta nos deveres morais e de reprodução. A função de reprodutora da espécie, que cabia à mulher, favoreceu a sua subordinação ao homem. A mulher era considerada mais frágil e incapaz de assumir a direção e chefia do grupo familiar.

Os limites entre público e privado foram mais explicitados com a definição das esferas sexuais e a delimitação de espaços para os sexos. Emerge, então, o dualismo público/privado, reafirmando o privado como espaço da mulher, ao se destacar a maternidade como necessidade, e lócus da realização das potencialidades femininas.

Porém, mais adiante, num leque de várias correntes de interpretações, procurou-se recuperar a atuação das mulheres no processo histórico como sujeitos ativos, de modo que as imagens de pacificidade e confinamento ao espaço do lar passaram a ser questionadas, descortinando esferas de influência e testemunhos femininos.²⁵ Por sua característica basicamente relacional, a categoria gênero buscou e ainda busca destacar que a construção dos perfis de comportamento feminino e masculino define um em função do outro, uma vez que se constituíram social, cultural e historicamente em um tempo, espaço e cultura determinados.²⁶

Que a discussão sobre a sexualidade da mulher inclui assuntos tão diversos que vão desde o conhecimento das coisas mais elementares do nosso corpo até o entendimento das complexas relações de poder que dominam a sociedade, isso é ponto pacífico, nenhuma novidade. O que é novo e surpreendente é perceber que esse tipo de discussão ultrapassa, cada vez mais, os limites dos debates feministas, atingindo outros grupos que até agora estiveram mais ou menos ausentes desse processo de discussão.²⁷

Nesse sentido, o corpo sempre foi concebido como algo distante, longe de ser visto como um ilustre, sublime. O lugar do corpo estava oposto ao da cultura, ou

²⁴ MULHERIO. Um aprendizado: ser mãe, ser pai. São Paulo, Ano 2, nº 10, nov./dez. 1982, p.4.

²⁵ MATOS, Maria Izilda Santos de. **Por uma história da mulher**. São Paulo: Edusc, 2000, p.14.

²⁶ Ibidem, p.16.

²⁷ MULHERIO. Corpo: Um debate que amplia. São Paulo, Ano 2, nº 6, mar./abr. 1982, p.4.

seja, o lugar primitivo em contraposição ao do civilizado; o lado instintivo em oposição à razão. E para que não duvidássemos de tais dicotomias, foi necessário tomar seus polos como aversivos um ao outro. O corpo, nessa ótica, não poderia ser pensado como instância da cultura no campo político.

Hoje, há tantos meios e discursos que exaltam corpos saudáveis, sarados, bonitos, decentes, modernos. Eles nos dizem, ao mesmo tempo, das posições que os corpos ocupam na sociedade, responsáveis por expressar e exercitar jogos de poder. Porém, proporcionar ao velho dualismo mente/corpo uma nova vida, tentando estudar a história biológica do corpo independentemente das considerações culturais da experiência e da expressão na linguagem e na ideologia, foi estupidamente inútil. Tal divisão grosseira entre natureza e cultura foi, obviamente, equivocada e irônica.²⁸

Pelo que ficou dito acima, já se percebe que natureza e cultura não se opõem. Natureza e cultura são dadas às pessoas e às sociedades, mas ao mesmo tempo são trabalhadas pelas pessoas e pelas sociedades. Pode-se afirmar que todo homem está integrado numa cultura, depende dela e sobre ela influi.²⁹

Pensar o corpo como algo produzido na e pela cultura é, simultaneamente, um desafio e uma necessidade. Um desafio porque rompe, de certa forma, com o olhar naturalista sob o qual muitas vezes o corpo é observado, explicado, classificado e tratado. Uma necessidade porque, ao se desnaturalizá-lo, se revela, sobretudo, que o corpo é histórico. O corpo é uma construção à qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos. Não é, portanto, algo dado a priori, nem mesmo é universal.

O corpo é constituído, também, pela linguagem. Ela própria cria o existente e, com relação ao corpo, tem o poder de nomeá-lo, classificá-lo e definir-lhe normalidades e anormalidades – o que é ou não considerado um corpo belo, jovem, saudável. Considerações essas temporárias, efêmeras, inconstantes e variáveis conforme o lugar/tempo.³⁰

²⁸ BURKE, Peter. **A Escrita da História**: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992, p.295.

²⁹ MOSER, Antônio. **O enigma da esfinge**: A sexualidade. Petrópolis: Vozes, 2001, p.31.

³⁰ LOURO, Lopes Guacira. **Corpo, Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003, p.28-29.

Pobres das nossas subjetividades. Pobre das subjetividades deles. Adornaram tanto o encontro sexual de elementos pirotécnicos, acrobáticos, espetaculares, que o encontro dançou. Sobrou o sexo-fonte-de-prazer. Sobrou a enorme decepção por não entendermos que o sexo desprovido do encontro realmente se torna uma função fisiológica como outra qualquer e de poder sobre o outro.³¹

Esse enraizamento das mulheres no território de seus corpos é uma das chaves de sua extrema dificuldade em ter acesso ao assalariamento, mesmo como operárias. Pois a revolução industrial não trouxe para elas, num primeiro momento, mudança radical, mas sim a extensão de sua servidão, ampliada do círculo familiar para o ateliê e para a fábrica, com as mesmas características de não qualificação, de precariedade de emprego e de dependência sexual.³² A contratação, a promoção, as gratificações sempre estiveram nas mãos dos corpos masculinos, tentados a usar de suas prerrogativas para tirar dali todo o prazer possível. Ainda mais quando a mão de obra fosse jovem, dos 12 aos 25 anos, fresca, virgem e sem defesa.

Assim, como os proletários desprovidos de direitos sociais, as mulheres, as moças, sobretudo, foram entregues a todo tipo de exploração, até mesmo a exploração de seus corpos através daquele, “o mais forte”. Evidentemente, os moralistas, sobretudo os católicos, denunciavam a imoralidade das fábricas e suas duvidosas promiscuidades. Mas eles estigmatizavam a sexualidade operária, taxada de bestial, e nunca a dos empregadores. E representavam as mulheres como excitantes, até mesmo excitadoras, bem mais do que como vítimas. E a solução que eles encontraram foi separar os sexos em tudo e em toda parte.³³ E enfiar as mulheres em fábricas, conventos, casas protetoras é mais uma vez praticar o dualismo, enfatizando homens e mulheres com corpos diferentes: um é sexuado e o outro, assexuado; em um o desejo sexual é natural, no outro deve ser negado.

A rigor, os médicos também perseguiram e contribuíam para uma ideologia massacrante e a elaboração de uma concepção de diferença sexual entre homens e mulheres, demonstrando empenho em estabelecer claras diferenças de caráter biológico entre os sexos.

³¹ KEHL, Maria Rita. Imitação da liberdade. **Mulherio**. São Paulo, Ano 1, nº 4, nov./dez. 1981, p.22.

³² PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. São Paulo: Edusc, 2005, p.448.

³³ *Ibidem*, p.499.

6 – CONTEXTO SOCIAL: MULHER E SEXUALIDADE

No início da década de 80 o Brasil estava saindo da ditadura, momento em que os movimentos sociais se fortaleceram, entre eles o movimento feminista, que participou de vários atos intelectuais, artísticos e acadêmicos. Esses traziam uma contribuição muito significativa, sobretudo no aspecto político. Embora as conotações ideológicas fossem diferentes, o inimigo comum era a ditadura e os objetivos eram os mesmos: conquistar a democracia e realizar transformações estruturais na sociedade, bem como promover a justiça, a dignidade, a liberdade plena e a garantia de direitos.

Ainda nesse período, o preconceito contra os trabalhadores, os pobres, os negros, as mulheres, os nordestinos era muito forte e pesado. Por mais que essas classes sofressem preconceito e estivessem sob o poder da classe dominante, o fazer política, o reivindicar, o organizar-se em movimentos, ter consciência de autonomia, tudo isso era pensamento e “coisa da elite”. Desde a década de 60 o mundo passava por grandes mudanças socioculturais, objetivando o que hoje é denominado mudança de época.

A propósito, mudanças em todas as dimensões, hoje, continuam acontecendo num movimento muito mais rápido. Basta observar o que ocorre no campo da comunicação. O que existe de diferente é que as mudanças são controladas pelo sistema neoliberal, pela dominação, pelo capital e pelo mercado. O contexto se caracteriza pela idolatria do ter, do dinheiro, do consumo. A consciência crítica e analítica, muito forte nas décadas de 70 e 80, hoje quase não aparece, embora a luta ainda continue através de manifestos, passeatas, reivindicações, mas de maneira conturbada, violenta e desorganizada, deixando transparecer objetivos vagos, sem muita reflexão.

Os artigos do periódico *Mulherio* “O uso do corpo nas classes sociais”, “Amamentar: um gesto que não depende só da vontade materna” e “Em torno da política do corpo” deixam claro que na década de 80 havia tarefa para muitos, mas com intenções opostas. E a luta de classes ia às ruas mesmo em tempo de ditadura, com os sujeitos abrindo mão de sua própria vida em prol da causa.

Os artigos revelam que os movimentos sociais e suas lideranças passavam por um processo de formação prática/teórica que os capacitava na conquista de seus objetivos. O instrumental que os sujeitos históricos usavam era o estímulo da academia, e o dos intelectuais orgânicos eram as ciências sociais. A visão tradicional, moralista, positivista, liberal não mais interpretava os fatos da vida e da luta por vias conservadoras. E, hoje, aquele método é pouco utilizado pelas novas lideranças. A visão hegemônica da burguesia, do poder dominante, está tomando conta das mentes e corações da sociedade.

No periódico *Mulherio* uma imagem colorida: em ambiente de requintado bom-gosto, a mãe amamenta seu bebê. [...] Uma jovem mulher sai alegremente de casa. Rápida sequência no ambiente de trabalho. Uma voz masculina recomenda: “Enquanto estava no trabalho você não podia amamentar, mas agora que está em casa, não se esqueça, amamentar é dar carinho e proteção a seu filho”. [...] Seu abandono nos infinitos cuidados com as crianças, as barreiras sociais, carência alimentar e falta de saúde, nada disso está refletido nas imagens coloridas – daí não nos reconhecemos nelas. Resta saber como nos desvencilharmos da culpa que elas, tão sedutoramente, nos oferecem.³⁴

A abordagem feita pelo jornal ao afirmar “*Amamentar é uma boa*” e analisar “*O uso do corpo nas classes sociais*” valoriza o ciclo reprodutor humano no contexto social, na sociedade de classes, que tem como valor máximo o lucro, o ser mãe, amamentar, ter filhos. E a mulher é considerada a única responsável pela amamentação. Essa condição permeia os interesses da classe dominante, e não as necessidades da maioria, das classes populares, das mulheres, das famílias.

Enquanto não houvesse um jeito melhor de o bebê se alimentar, a mulher deveria exercer essa função, entre tantas outras funções maternas, como responsabilidade inerente. Para a mulher foi também muito bom, quanto a satisfazer sua autoestima, quanto ao prazer de estar se doando a um ser muito querido – disso também parece que as mulheres têm consciência.

Permanece a questão: dá para amamentar, com a vida que se leva hoje em área urbana? A sociedade estruturada com a hegemonia da masculinidade e o sistema em que o lucro, a vantagem e o dinheiro constituem o interesse principal não deixam lugar para a prática da amamentação. A grandeza e a beleza da missão

³⁴ MULHERIO. Amamentar: um gesto que não depende só da vontade materna. São Paulo, Ano 1, nº 4, nov./dez. 1981, p.9.

materna de gerar a vida e educar os filhos são vistas sob a ótica capitalista e mercantilizada, realidade essa impossível para a maioria da população. Se existia um valor ontológico no ser mãe e no amamentar, a prática era bem outra, principalmente entre as mulheres menos favorecidas. O contexto era muito diferente das condições humanas e sociais consideradas ideais: não havia creches e transportes que conduzissem os operários ao seu local de trabalho, entre tantos outros problemas.

O que fazer e como fazer para mudar essa situação? A opção foi pelo processo de conscientização e educação das classes populares, que deveriam se organizar e lutar incansavelmente, como o fizeram as mulheres na década de 80, a começar pelo aspecto sexual.

O fato é que a mulher sofreu todo tipo de discriminação ao longo dos séculos e em praticamente todos os contextos políticos e religiosos. E continuamos sentindo todo um peso do passado. A conquista da cidadania da mulher, onde ela já ocorreu, esteve condicionada à transformação das estruturas de produção, reprodução, socialização e sexualidade. Essa foi uma longa caminhada, para não dizer uma longa revolução. Basta ter presente que, mesmo em países considerados grandes promotores dos Direitos Humanos, o direito ao voto, tão fundamental, só foi concedido às mulheres entre as duas grandes guerras mundiais. E até escrever uma história das mulheres torna-se tarefa quase impossível, pois, em vez de documentos, o que se encontram são sobretudo representações sobre a mulher em discursos masculinos.³⁵

Hoje a luta ainda continua de outra forma, apesar de não conseguirmos muitas mudanças através das classes dominantes e dirigentes, a não ser pela força, união e pressão pelos nossos direitos.

³⁵ MOSER, Antônio. **O enigma da esfinge**: a sexualidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

7 – DUAS DIMENSÕES FUNDAMENTAIS NA VIDA DA MULHER: CORPO E SEXUALIDADE

O artigo de Marilena Chauí “Em torno da política do corpo” e a reportagem sobre o livro de Rose Marie Muraro no *Mulherio* colocam muito bem a questão do corpo (homem e mulher) dentro da sociedade em que vivemos: separação, dominação, destruição de sua natureza. Posto pela filosofia e pela ciência como um conjunto impessoal e mecânico de automatismos entre partes e funções, posto pelo direito como propriedade privada, alienável num contrato (de trabalho ou de casamento), posto pela economia como força de trabalho e força produtiva, posto pela psicanálise como objeto de desejo e de uma libido infinita a ser “civilizada”, o corpo é fragmentado pelo trabalho, disciplinado e controlado pela medicina e pelo direito, manipulado pelo consumo e pelos meios de comunicação de massa.³⁶

A dimensão da sexualidade, tema complexo, é analisada dentro de parâmetros de análise crítica à sociedade de produção e reprodução do acúmulo da riqueza e poder da exclusão social. A mulher e o corpo são os principais instrumentos dessa dominação.

Foucault considera o poder capitalista como uma das formas aparentes da disciplinarização, exercendo uma vigilância sobre o proletariado, com o pressuposto de mantê-lo sob seu domínio, tornando-o passivo. Esse poder capitalista possui uma positividade no sentido de pretender gerir os corpos dos indivíduos e das populações para utilizá-los ao máximo, com um objetivo sexual, o das mulheres, e ao mesmo tempo econômico e político: torná-los úteis e dóceis, trabalhadores e obedientes.³⁷

A rigor, ao analisar determinadas instituições como escolas, fábricas, hospitais, prisões, Foucault fala não apenas do corpo, mas ainda do poder que investem no corpo diferentes disciplinas, de forma a docilizá-lo, a conhecê-lo e controlá-lo. Não há dúvida de que, para Foucault, o controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera apenas pela ideologia ou pela consciência, mas tem seu começo no corpo, com o corpo. “Foi no biológico, no somático, no corporal que

³⁶ CHAUÍ, Marilena. Em torno da política do corpo. **Mulherio**. São Paulo, Ano 2, nº 6, mar./abr. 1982, p.8.

³⁷ FOUCAULT, M. “Os corpos dóceis”. In: FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 29ªed. Tradução de Raquel Ramalheite. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, p.125-152.

antes de tudo investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica.”³⁸

Aí está a importância do estudo, pesquisa, reflexão em torno dessa temática. Nas últimas décadas, em todas as áreas do conhecimento, muitos avanços aconteceram. As mulheres, nesse sentido, obtiveram maiores passos tanto em termos teóricos como na vida prática. Apesar de todas as mudanças, ambiguidades, centralidades, problemas e enigmas, se faz necessário explicar com clareza o que o periódico *Mulherio* traz: a questão da sexualidade, do corpo, do ciclo reprodutivo humano, das manifestações culturais da beleza e dimensão humana da sexualidade. Tudo precisa ser contextualizado na sociedade capitalista e neoliberal.

Essa concepção mecanicista do corpo é bem mais rara ou praticamente inexistente entre as mulheres, embora seja forte em algumas camadas uma percepção utilitarista do corpo que é apto para o trabalho ou para a maternidade. Não obstante, é a partir do dia a dia que homens e mulheres conscientes devem lutar para mudar o jeito de viver a sexualidade, experimentando-a de maneira livre, consciente, responsável. E lutar com o propósito de transformar as realidades geradas e manipuladas pela exploração, pelos preconceitos, violência, fome, miséria, destruição do meio ambiente, é gozar de vida plena. Portanto, não se trata só da luta de homens e mulheres, mas de todos aqueles e aquelas conscientes das diferenças e dos interesses das classes, buscando assim caminhos para uma vida digna e feliz para todos.

Dentro de uma perspectiva de mudanças, é preciso agregar instrumentos novos a uma discussão livre e democrática. As ações precisam garantir sua autonomia política e a condução do processo deve estar nas mãos das mulheres também.

A integração da sexualidade não se dá no voltar-se sobre si mesmo, mas exatamente no diálogo profundo com o outro. Quando bem integrada, a sexualidade leva-nos não só a evitar a exploração do outro, mas a contribuir positivamente para o processo de seu crescimento e, conseqüentemente, também para o nosso crescimento.

Assumir o outro na alteridade pressupõe ainda assumi-lo na autenticidade. Todo tipo de mascaramento e representação constitui-se numa farsa que nega os

³⁸ LOURO, Lopes Guacira. **Corpo, Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003, p.35.

direitos mais fundamentais do “outro”, justamente por ser diferente e poder viver essa diferença.³⁹

Cabe considerar que os seres humanos carecem de relacionamentos (relações humanas/ sexuais), porque não são movidos apenas pela dimensão biológica, antes de tudo, são pessoas com sentimentos e desejos. Logo, a sexualidade humana é vivencial, porém mal vivida na concretude histórica, limitada nas ilusões ou fantasias de homens e mulheres.

A sexualidade humana tem princípios, valores, história e é intrínseca à nossa cultura. O amor, o prazer, a justiça, o direito, a beleza, a transcendência, a arte não poderão ser desprezados na dimensão da sexualidade, muito menos colocados como normas absolutas.

A propósito, se todo tipo de relacionamento humano é sexual, que o relacionamento conjugal seja unitário, terno, responsável e nos aponte para a complementaridade e integridade da pessoa humana. Que atos sexuais verdadeiramente humanos (ternura e justiça) realizem as pessoas sexuais para a dimensão humana da sexualidade entre homens e mulheres.

³⁹ MOSER, Antônio. **O enigma da esfinge**: a sexualidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

BONILHA, Caroline Leal. **Corymbo**: Memória e representação feminina através das páginas de um periódico literário entre 1930 e 1944 no Rio Grande do Sul. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas - RS, 2010.

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. **Mulher de Papel**: A Representação da Mulher na Imprensa Feminina Brasileira. São Paulo: Loyola, 1981.

_____. **Imprensa Feminina**. São Paulo: Ática, 1996.

BURKE, Peter. **A Escrita da História**: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

CHAUÍ, Marilena. Em torno da política do corpo. **Mulherio**. São Paulo, Ano 2, nº 6, mar./abr. 1982, p.8.

CRUZ, Heloisa de Faria. **São Paulo em Papel e Tinta**: periodismo e vida urbana – 1890-1915. São Paulo: Educ/Fapesp/ Imprensa Oficial, 1996.

EDGAR, Luiz Schneideir. Imprensa Sul-Rio-Grandense nos séculos XIX e XX. In: BARRETO, Abeillard et. al. **Outros fundamentos da cultura Rio-Grandense**. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul, 1962.

FOUCAULT, M. “Os corpos dóceis”. In: FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 29ªed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, p.125-152.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. **Mulherio** - Uma história. s/d. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/conteudos/especiais/mulherio/historia.html>>. Acesso em: 25/01/14.

GOMES, Gisele Ambrósio. **Entre o público e o privado:** a construção do feminino no Brasil dos Oitocentos, 1827-1846. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.

KEHL, Maria Rita. Imitação da liberdade. **Mulherio**. São Paulo, Ano 1, nº 4, nov./dez. 1981, p.22.

LEAL, Maria Ivone. **Um século de periódicos femininos:** Arrolamentos de periódicos entre 1807 e 1926. Portugal: Edição da Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 1992.

LOURO, Lopes Guacira. **Corpo, Gênero e Sexualidade:** um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003.

MATOS, Maria Izilda S. de. **Por uma história da mulher**. São Paulo: Edusc, 2000.

MOSER, Antônio. **O enigma da esfinge:** A sexualidade. Petrópolis: Vozes, 2001.

MULHERIO. Por que Mulherio? São Paulo, Ano 1, nº 0, mar./abr. 1981, p.4.

_____. Paraíso perdido ou reencontro. São Paulo, Ano 1, nº 1, mai./jun. 1981, p.8.

_____. Quem pariu Matheus que o embale. São Paulo, Ano 1, nº 4, nov./dez. 1981, p.4.

_____. Amamentar: um gesto que não depende só da vontade materna. São Paulo, Ano 1, nº 4, nov./dez. 1981, p.9.

_____. Corpo: Um debate que amplia. São Paulo, Ano 2, nº 6, mar./abr. 1982, p.4.

_____. Um aprendizado: ser mãe, ser pai. São Paulo, Ano 2, nº 10, nov./dez. 1982, p.4.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. São Paulo: Edusc, 2005.

PÓVOAS, Mauro Nicolau. **Uma História da Literatura: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX**. Tese (Doutorado em Literatura), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SENNÁ, Adriana. **As tentativas de implantação do divórcio absoluto no Brasil e a imprensa Rio-Grandina (1889-1916)**. Tese (Doutor em História), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.